

MARCADOS PARA MORRER: “DE ONDE VEIO A BALA QUE EU PAGUEI, QUE
MATOU MEU FILHO?”

Deybson de Sousa Cavalcante ¹

RESUMO

“Hoje eu transformei o meu luto em luta, porque foi eu paguei a bala que matou o meu filho.” Essas são as palavras de uma mãe em um evento de combate à mortalidade na adolescência. Inconformada com o assassinato de seu filho, vítima da violência institucional em um bairro de Fortaleza Ceará. Essa mãe diz também que está cansada de ver o sangue negro correr na favela. Diante do cenário de violência institucional que assola as periferias das grandes cidades e afetam majoritariamente a população e a juventude negra, Fortaleza não é diferente, as periferias, sobre tudo a comunidade do Curió, passa constantemente por ações de extrema violência institucional. Para entender essa prática recorreremos a Achille Mbembé em seu texto: Necropolítica, que fala sobre o governo dos corpos, e as ações de morte do estado. Entendendo a polícia como aparelho do estado, e a juventude negra como população diretamente afetada por esse controle, pretende-se, discutir nesse ensaio, a partir de uma perspectiva pós-colonial, uma análise da chacina do curió como um evento que concretiza os conceitos Achille Mbembé. Essa reflexão com um olhar descolonizado sobre a chacina do curió é uma forma de resistência: epistemológica e metodológica, que busca dar evidência aos fatos como forma de entendimento social. O ensaio é construído por meio de uma interpretação epistemológica que dê conta de observar o fenômeno específico de violência institucional, como forma de inovação das epistemologias utilizadas inclusive para estudos de violência institucional.

Palavras-chave: Necropolítica. Chacina. Violência Institucional.

Simpósio Temático: 12. Filosofia africana e pretagogia: resistindo, descolonizando e aforreferenciando o conhecimento.

1 Graduando Bacharelado em Antropologia, Bacharel em Ciências Humanas, UNILAB, deybson.cavalcante@gmail.com, Redenção, Ceará, Brasil.